

## Navegrafias: práticas expedicionárias no século XXI

*Navegraphies: Expeditionary Practices in the 21st Century*

Kellen Melo Dorileo Louzich<sup>1,\*</sup>, Evandro Fiorin<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. [kellendorileo@gmail.com](mailto:kellendorileo@gmail.com)

<sup>2</sup> Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. [evandrofiorin@gmail.com](mailto:evandrofiorin@gmail.com)

\* Corresponding author

### Resumo

A pesquisa aqui apresentada se fundamenta em um olhar decolonizador, que reaprende a olhar e escutar para representar o território em sua complexidade. Portanto, compreende que o olhar do expedicionário contemporâneo demanda novas abordagens críticas e reflexivas, e não mais um senso eurocêntrico de representação do mundo. Nesse contexto, o artigo descreve uma viagem científica a bordo do Veleiro Eco, a primeira embarcação à vela, destinada a expedições oceanográficas no Brasil, construída pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A partir dessa expedição, a investigação propõe a construção de uma cartografia do navegar, que, até o momento, é constituída por uma narração sob a forma de verbetes. Ela será retratada por meio de imagens e diversas linguagens do passado, reapropriadas por filtros contemporâneos.

**Palavras-Chave:** Expedição; Cartografia; Paisagem Costeira; Santa Catarina; Brasil.

### Abstract

*The research presented here is grounded in a decolonial perspective, seeking to relearn how to observe and listen to represent territory in all its complexity. It acknowledges that the gaze of the contemporary expeditionary requires new critical and reflective approaches, moving beyond a Eurocentric sense of world representation. Within this framework, the article describes a scientific journey aboard the Eco Sailboat, the first sailing vessel designed for oceanographic expeditions in Brazil, built by the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Based on this expedition, the investigation proposes the construction of a cartography of navigation, which, so far, has been structured as a narrative in the form of entries. This cartography will be depicted through images and various languages from the past, reappropriated through contemporary lenses.*

**Keywords:** Expedition; Cartography; Coastal Landscape; Santa Catarina; Brazil.

### 1. Introdução

Neste trabalho, de maneira introdutória, há uma diferença marcante que precisa ser compreendida entre ver e olhar. Enquanto o sentido da visão supõe uma certa passividade e superficialidade, como quem se olha no espelho, o ato de olhar pressupõe sempre uma busca de densidade e espessura. Cardoso (1988) destaca a importância do contexto social e histórico da observação etnográfica e como o olhar do

etnólogo é sempre filtrado por uma série de pressupostos, ideologias e relações de poder. Através dessa lente, o olho do viajante não é neutro, pois está intrinsecamente relacionado à construção de outras identidades e à negociação de alteridades. Esse autor também aponta a tensão entre o olhar ocidental, muitas vezes dominador, em relação aos dos outros povos, marginalizados, vindo muitas vezes carregado de exotismo. Nesse sentido, a etnografia, como uma prática

de observação e interpretação, está longe de ser uma ciência objetiva e imparcial, sendo influenciada por dinâmicas exteriores e pelo próprio olho de quem retrata.

Nesse sentido, o olhar dos viajantes do passado, nas antigas expedições ultramarinas, tinha como preconização um senso eurocêntrico de representação do mundo. Diante dessa discussão, em um momento presente, Jacques (2021) aprofunda uma noção sobre o olhar etnográfico, abordando especialmente a relação entre: imagem, alteridade e a construção da diferença. A autora destaca a maneira como a imagem, seja ela fotográfica, audiovisual ou de outra natureza, desempenha um papel fundamental nas práticas de etnografia contemporânea, não apenas como documento, mas como um meio de construir narrativas sobre os Outros. Sob esse contexto, a imagem, torna-se um instrumento poderosíssimo, tanto de representação, quanto de interpretação. Portanto, por esse viés, o olhar do etnógrafo não se limita à captura da realidade visual, mas, também está imerso em um processo de mediação e de tradução cultural que possui algumas consequências. A alteridade, ou a “diferença”, emerge como um conceito central nesse processo, uma vez que o olhar etnográfico está sempre comprometido com a construção de uma imagem do Outro, mas também com a construção de si mesmo, através desse olhar sobre o Outro. Dessa forma, devemos refletir sobre as implicações éticas e políticas desse processo, uma vez que, a representação do Outro pode contribuir tanto para a sua visibilidade quanto para o seu contrário, ratifica a mesma autora.

É por conta disso, que o olhar expedicionário, nos nossos dias, precisa alinhar novas maneiras críticas e reflexivas para o seu fazer. Deve partir de um novo pressuposto, de que os processos de percepção e representação, não implicam na construção de monólogos, mas, de diálogos possíveis, capazes de conseguir enxergar olhares plurais

sobre o território. Essa lente multifocal perpassa por um olhar criativo, como uma ferramenta essencial para a compreensão do mundo, que envolve um jogo dinâmico entre o sujeito, o objeto e o contexto, como nos diz Jenny (2014); e pelo próprio distanciamento do olhar sobre as formas culturais, artísticas e sociais. Esta dimensão dialética que, de acordo com Benjamin (2018), não apenas observa uma superficialmente a realidade, mas a questiona e a reinterpreta. Uma busca pelas condições históricas e materiais subjacentes que a estruturam, como forma de retrovisão para sua compreensão e ou possível ruptura com as formas convencionais de apreciação ou consumo cultural, permitindo uma abordagem revolucionária. De tal sorte, uma pesquisa cartográfica sobre as paisagens costeiras entrelaça, em múltiplas camadas (Deleuze e Guattari, 1997) o olhar etnográfico dos antigos viajantes do passado colonial brasileiro, ao olhar crítico, reflexivo, criativo e revolucionário do expedicionário do século XIX. Nessa investigação-criação se complementam o erudito e o coloquial e, sobretudo, se amplifica uma prática estética e política, se balizando por um olhar decolonizador, que reaprende a olhar e a escutar... os rios, as montanhas e os ventos (Krenak, 2022).

## 2. Das Circunavegações do Passado às Expedições do Século XXI

As expedições científicas dos séculos passados com destino ao Brasil tinham como objetivo documentar o território, os animais, a fauna, a flora e a vivência nos arraiais, nas vilas, nas cidades, nos campos e nas matas. Se a expedição era pelo oceano, por exemplo, dois navios, bastavam (Haro, 1990); mas, se a expedição fosse pelos rios, esculpia-se uma ou quantas canoas fossem necessárias para transportar a tripulação. Os expedicionários eram botânicos, astrônomos, geógrafos, engenheiros, desenhistas, zoólogos, naturalistas<sup>1</sup>. Além deles, inúmeros escravos eram obrigados a fazer

---

1 - Na primeira canoa iam o Sr. Cônsul e uma moça alemã [...] na segunda o Srs. Riedel, Taunay, Hasse e Francisco Álvares. O Sr. Rubzoff e eu ocupávamos o batelão, dentro de uma barraca tão pequena que não podíamos estar senão sentados ou deitados. Acompanhavam-nos mais dois batelões e uma canoinha, [...] embarcações que, à última hora nos viramos obrigados a comprar por causa da grande bagagem que levávamos. Cada canoa, com exceção das menores, tinha arvorada a bandeira russa. O guia, um ajudante do piloto, um proeiro e sete remadores compunham a tripulação da embarcação do cônsul, a qual designarei o nome de Perova. O ajudante do guia, um piloto, um proeiro e seis remadores formavam a equipe do segundo barco chamado de Chimbó. O piloto, um proeiro e quatro remadores iam no batelão. O resto da gente, caçadores, criados e escravos do cônsul remavam nos batelões e canoinhas, em número todos (éramos) 36. (Florence, 2007)

o trabalho braçal quando adentravam na costa do país. Também recorriam aos povos originários para servirem como guias, caçadores e protetores. Apesar da relevância das descobertas dos cientistas, atualmente, essa condição de subserviência sempre colocaria o investigador europeu e as antigas expedições científicas, sob uma amálgama complexa de exploração colonialista, extrativista e depredatória.

Apesar disso, os diários dos cientistas dessas expedições relatavam tudo o que acontecia durante as viagens, produzindo um panorama pormenorizado, ao qual temos acesso, graças aos relatos que eram divulgados, publicados e entregues ao governo financiador, com todos os documentos elaborados na expedição. Somavam-se a eles as gravuras de plantas, animais, panoramas, pessoas e seus afazeres, além dos mapas do território, realizados por botânicos, desenhistas e geógrafos. Esse acervo de descrições em textos e imagens compunha um rico repertório sobre as descobertas do novo mundo. Isto porque, no século XIX, havia um ávido interesse por esses compêndios, principalmente, por parte dos maiores estados nacionais no continente europeu.

O descobrimento de habitats "exóticos" movia diversos impérios e governos a financiarem caras expedições, tudo em prol de revelar o território que estaria do outro lado do oceano. Esse período demarca o surgimento da geografia como ciência e as expedições como extensões das academias. Nesse caso, estas viagens científicas contribuíram para consolidar o método geográfico e podiam durar anos, como a de Anson: "a voyage round the world in the years MDCCXL, I, II, III, IV, by George Anson, Esq.; Commander in chief of a squadron of His Majesty's ships, sent upon an expedition to the South-Seas" (Haro, 1990). Ou quando Langsdorff aportou na Vila de Nossa Senhora do Desterro, no sul do Brasil, no início do século XIX e após esta viagem ele recorre ao governo Russo para então realizar a expedição langsdorff, que nos anos de 1822 a 1824, explorou regiões pouco conhecidas da província do Rio de Janeiro; de 1824 a 1825, de Minas Gerais; e, de 1825 a 1826, de São Paulo. De junho de 1826 até janeiro de 1827, seguiu pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá até chegar ao Estado do Mato Grosso. Desde aí chegaram ao Amazonas (Expedição Langsdorff, 2010).

Nos dias de hoje, os relatos e gravuras do passado ainda instigam um caráter expedicionário, bem como, a ânsia pela descoberta científica, servindo de inspiração para muitos desbravadores dos confins da América do Sul, até nossa própria Ilha de Santa Catarina (Paiva, 2024). Entretanto, estas expedições não podem mais apenas levar em conta o antropocentrismo europeu. Embora, as práticas expedicionárias no século XXI, sobretudo como braços da Academia, muitas vezes, ainda dependam dos governos mais abastados, ou no caso brasileiro, das agências de fomento, ou das grandes companhias petrolíferas preocupadas em expandir as suas áreas de produção e de extração. Apesar de se manter um caráter transdisciplinar dos investigadores envolvidos, cujo método de documentação pode envolver um levantamento histórico, ambiental e etc., os procedimentos e linguagens artísticas presentes são mais raras, geralmente ligadas a um sentido documental-jornalístico, com belas imagens fotografadas.

Diante desse panorama, queremos desenhar um novo olhar ambulante que se apropria de um sentido expedicionário para refutar uma prática colonialista, extrativista e depredatória (Krenak, 2023) sobre a cultura do Outro. Isto para apontar, uma visão que não seja sobre o exotismo, ou ligada a uma única visão de mundo, razão esta que impele, também, a reinserção e uma ressignificação dos processos artísticos de subjetivação que nortearam as grandes expedições desde a época das grandes navegações até os nossos dias. O pesquisador, portanto, deixa de ter as próprias certezas e se abre para a dúvida, convidando o olhar das comunidades costeiras à participação do processo de investigação-criação. Assim, nessa proposição, estamos buscando construir juntos os diálogos possíveis sobre um território a ser redescoberto. Isso significa englobar, desde o habitat mais popular e comunitário, até o lugar ancestral contemporâneo, para poder representar um contexto, que se deixa emanar com estreita relação com a gente da terra. É dessa ótica que emerge a aplicação do sentido *patrimoniável* (Fracasso, et. al, 2016), onde as práticas artísticas agora viabilizam e possibilitam que os habitantes se apropriem do sentido que os une ao mar. Nesse âmbito, o dispositivo de *landscaping* (Turco, 2010) atualiza as antigas narrativas. Oriundo da geografia é ele que transforma a análise do contexto territorial em paisagem. É na paisagem em que se observam

os resultados das relações e interações entre os fatores naturais e humanos. É a partir dessa noção dialógica que se desenvolverá o ponto fulcral das práticas expedicionárias no século XXI, ou seja, fazer entender os processos de representação, usos e a apropriação econômica e social das paisagens costeiras.

Com este propósito, desde o mar, buscamos outros olhares no território: a paisagem e sua alteridade. É deste ponto que este artigo apresenta uma viagem científica a bordo do Veleiro Eco: primeira embarcação à vela que foi destinada a fazer expedições oceanográficas do Brasil, concebida e construída integralmente pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nela, o laboratório nômade de investigação-criação constitui o conceito de navegafria para explicar um pouco sobre o que esboçamos, em um percurso que vai de Florianópolis até o Porto de Itajaí, passando por Itapema e Balneário Camboriú, no norte de Santa Catarina. Logo, nessa oportunidade discorreremos sobre a construção de uma cartografia do navegar que, até o momento, é constituída por uma narração sob a forma de verbetes. Será retratada por meio de fotos, vídeos e diversas linguagens

do passado, reapropriadas por filtros contemporâneos. Muito embora, uma incompletude aqui deve ser demarcada: a necessidade de incluir os habitantes nessas interações com o território - uma fase posterior a ser incorporada, além da própria criação do que chamaremos de cadernos multimidiáticos - multiplicidades de visão a partir da água sobre a terra e vice-versa.

### 3. Construindo uma cartografia do navegar

#### 3.1. O Veleiro Eco

No dia 11 de agosto de 2024, próximo das 05:18 horas da manhã, nos dirigimos para o norte da ilha para encontrar o Veleiro Eco em uma marina particular. Por volta das 06:00 horas da manhã descemos para o píer e logo avistamos a embarcação, em meio a outros barcos, no meio das águas de Jurerê. Naquele instante, o céu estava começando a perder seu azul, aparecendo os primeiros tons alaranjados da aurora. Edson e André vieram de bote até o trapiche, para fazer nossa baldeação. Sensação de medo: o mar estava muito agitado. A bordo do Veleiro Eco, o medo deu lugar à euforia. Neste instante, o sol surgiu por detrás dos morros de Canajurê: um amarelo vibrante.



**Figura 1.** Veleiro Eco.  
Fonte: Autores (2024)

### 3.2. A Tripulação

Era formada por Alejandro (o capitão) e Ruan (comandante). O primeiro, argentino e o segundo uruguaio, além dos rapazes do bote, brasileiros, assim como, o professor Evandro e a doutoranda Kellen. Nós todos éramos a expedição científica de um domingo de muito sol no sul do Brasil, que iria desde o norte de Florianópolis, até o Porto de Itajaí. Nessa prática expedicionária tínhamos dois objetivos: coletar informações por meio de boias, que seriam lançadas ao oceano e vivenciar uma experiência em alto mar, justamente, para produzir registros de várias naturezas, sobretudo, fotográficos e videográficos, de modo que pudéssemos começar a construir uma cartografia do navegar.



**Figura 2.** As Boias. Fonte: Autores (2024)



**Figura 3.** As Boias no Mar. Fonte: Autores (2024)

### 3.3. O Mapa

O veleiro fazia um som contínuo que se misturava ao das ondas. Era o motor que estava ligado, pois naquele momento as velas estavam guardadas. Ao nos distanciarmos da costa de Florianópolis e aumentar a velocidade, mais um som adentrou os nossos ouvidos, era o vento. Por conta dele não escutávamos bem os outros tripulantes, era preciso estar dentro da cabine. Nela, o mesmo segurava o leme; à sua frente tinha muitos instrumentos: muitas telas, que o

auxiliavam a conduzir o veleiro. Além desses, o comandante utilizava o mapa náutico, que constantemente consultava pelo aparelho celular.



**Figura 4.** A cabine. Fonte: Autores (2024)

### 3.4. O Oceano

Às 8:33 horas da manhã, avistamos no mar uma foca. Pouco tempo depois, uma pequena edificação que destoava da massa de terra, envolta por água de todos os lados: era um farol. Era a Ilha do Arvoredo, também conhecida como Reserva Biológica Marinha do Arvoredo. Ela é composta pelas ilhas de Galés, Arvoredo e Deserta, além do Calhau de São Pedro. Representa uma quintessência da riqueza da vida marinha, ainda pouco explorada do nosso oceano. Apenas pode ser acessada por pesquisadores autorizados para, assim, garantir a sua plena preservação. Para nós, apenas uma silhueta.



**Figura 5.** Foca no mar. Fonte: Autores (2024)



**Figura 6.** Reserva Biológica Marinha do Arvoredo. Fonte: Autores (2024)

### 3.5. O Skyline

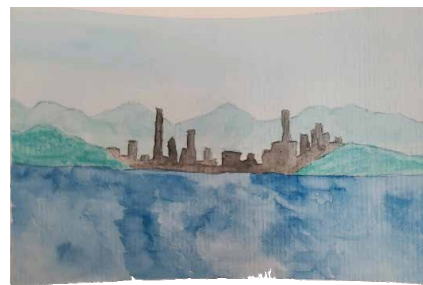
Às 10:44 horas da manhã, estávamos passando a enseada da cidade de Bombinhas. Até aquele momento, em toda a costa catarinense avistávamos edificações de baixos e médio porte, áreas pouco adensadas e uma maior concentração de edifícios nas áreas de praia. Desde Itapema, as edificações começaram a mudar. A faixa de terra apresenta um alto adensamento, com edifícios de grande porte, que alcançaram o topo das montanhas. Ficamos parados nessa posição por um longo período, devido ao lançamento das boias. Desta forma, tivemos a oportunidade de olhar e, assim, produzir o registro crítico-reflexivo sobre essa paisagem costeira.



**Figura 7.** Edifícios baixos. Fonte Autores (2024)



**Figura 8.** Edifícios de médio porte. Fonte: Autores (2024)



**Figura 9.** Edifícios de grande altura. Fonte: Autores (2024)



**Figura 10.** Arranha-céus da cidade de Balneário Camboriú. Fonte: Autores (2024)

### 3.6. O Pôr do Sol

Neste momento, já avistávamos a cidade de Itajaí, da proa do veleiro. Às 17:07 horas da tarde, o sol já começava a se despedir, iria se pôr atrás desta cidade. Íamos nos afastando do Balneário Camboriú e nos aproximando do Porto. As 17:34 horas da tarde, o comandante avisa o serviço portuário pelo rádio, que estávamos chegando e pedia autorização para entrar e se dirigir até a marina. Às 17:38 horas da tarde, o céu estava em um degradê de cores, de tons de amarelo, laranja até chegar a escuridão da noite. Exatamente às 18:06 horas da noite, atracamos o veleiro na Marina e faríamos nosso retorno rodoviário até Florianópolis.



**Figura 11.** Entrada do Porto de Itajaí. Fonte: Autores (2024)

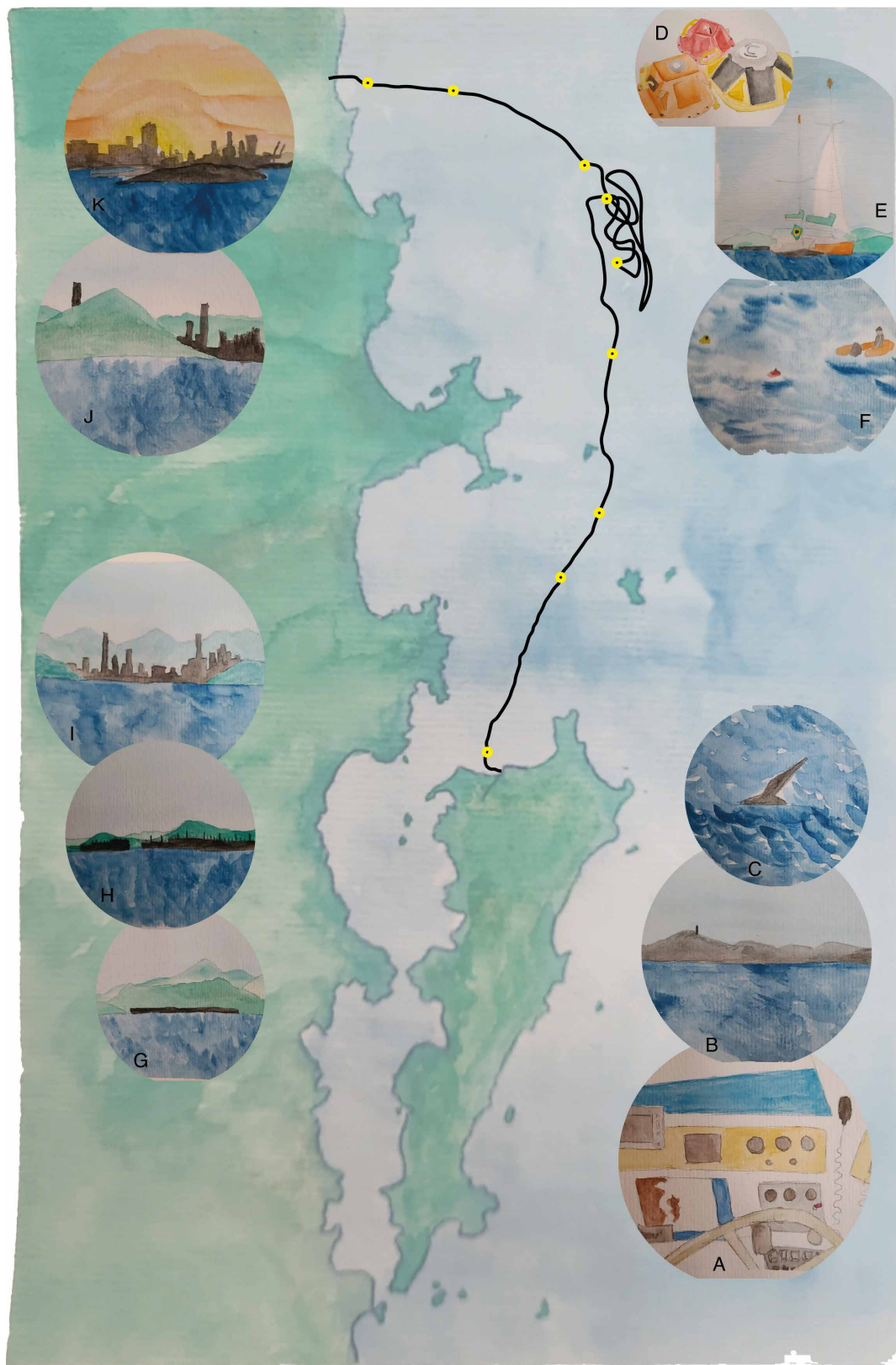


Figura 12. Navegrafia. Fonte: Autores, 2024.

#### 4. Conclusões

A pesquisa proposta reafirma a importância de um olhar decolonizador na construção de novas formas de perceber e representar o território. Ao explorar esse tema a partir de uma abordagem crítica e reflexiva adotando uma dialética que questiona e reinterpreta a realidade é possível perceber a riqueza das múltiplas perspectivas que emergem de um olhar mais atento e inclusivo. A experiência a bordo do Veleiro Eco e a proposta da construção de uma cartografia do navegar ainda está em curso e não pode se definir apenas pela abordagem dos textos na forma de verbetes e das imagens que produzidos ao longo desse artigo. Assim, as navegrafias e as práticas expedicionárias no século XXI estão são parte de um processo que ainda está em aberto. De tal sorte, este trabalho contribui para o fortalecimento de uma maneira de investigação-criação que está se engajando na escuta de uma alteridade da paisagem.

#### Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Santa Catarina - FAPESC, à Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e ao Veleiro ECO.

#### Referências

- Benjamin, W. 2018. *Passagens*. Editora UFMG.
- Cardoso, S. 1988. O olhar dos viajantes (do etnólogo). Recuperado 12 de novembro de 2024, de Artepensamento IMS website: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-olhar-dos-viajantes-do-etnologo/>
- Deleuze, G.; Guattari, F. 1997. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 05. São Paulo, Editora 34.
- Florence, H. 2007. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829* (Vol. 93; V. de Taunay, Trad.). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- Fracasso, L.; Cabanzo, F.; Ortiz, Y.; Amaral, L. 2016. Lo "patrimoniable": utopías concretas, prácticas artísticas y hábitat popular, XIV Coloquio Internacional de Geocrítica Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro Barcelona, 2-7 de mayo de 2016 (on-line [http://www.ub.edu/geocrit/xiv\\_lilianafracas.pdf](http://www.ub.edu/geocrit/xiv_lilianafracas.pdf)) Acesso: 20 de junho 2024.
- Haro, M. A. P. de (Org.). 1990. *Ilha De Santa Catarina-Relato De Viajantes Estrangeiros Nos Séculos XVIII e XIX* (3o ed). Florianópolis, SC: Editora da UFSC. Recuperado de <https://www.traca.com.br/livro/1346378/ilha-santa-catarina-relato-viajantes-estrangeiros-nos-seculos-xvii-xix/>
- Jacques, P. B. 2021. *Alteridade, Imagem e Etnografia-Tomo 3. Coleção Experiências Metodológicas*. Edufba.
- Jenny, P. 2014. *Um olhar criativo* (D. Fracalossi, Trad.). Gustavo Gili.
- Krenak, A. 2022. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Cia das Letras.
- Krenak, A. 2023. Krenak pensa a ruína e o futuro das cidades. Entrevista a Romullo Baratto. *Outraspalavras.net*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/krenak-pensa-a-ruina-e-o-futuro-das-cidades/> Acesso em: 20 junho 2024.
- Paiva, Z. 2024. *Expedição Natureza da Ilha. Tubarão-SC: Vista Imagens*.
- Turco, A. 2010. *Configurazioni della territorialità*. Milano: Franco Angeli.

